



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA

**FORMAÇÃO NA GRADUAÇÃO E ESTÁGIO: RELATO REFLEXIVO SOBRE A  
VIVÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

JOSÉ MÁRIO DANTAS

NATAL-RN

2016

JOSÉ MÁRIO DANTAS

**FORMAÇÃO NA GRADUAÇÃO E ESTÁGIO: RELATO REFLEXIVO SOBRE A  
VIVÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Artigo Científico apresentado ao Curso de Pedagogia, na modalidade a distância, do Centro de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia, sob a orientação da professora Dda. Ivone Braga Albino.

NATAL-RN

2016

**FORMAÇÃO NA GRADUAÇÃO E ESTÁGIO: RELATO REFLEXIVO SOBRE A  
VIVÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Por

**JOSÉ MÁRIO DANTAS**

Artigo Científico apresentado ao Curso de Pedagogia, na modalidade a distância, do Centro de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa Dda. Ivone Braga Albino (Orientadora)  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

---

Profa Ms. Severino Ramos dos Santos Maia  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

---

Profa Ms. Antônia Maira Emelly Cabral da Silva Vieira  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

# FORMAÇÃO NA GRADUAÇÃO E ESTÁGIO: RELATO REFLEXIVO SOBRE A VIVÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

## Resumo

O objetivo desse artigo é evidenciar as experiências do Estágio Supervisionado em Educação Infantil, no curso de licenciatura em pedagogia a distância da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), realizado na Escola Alta de Souza, localizada no município de Caicó/RN, no período de março a maio de 2015, no turno matutino, compreendendo momentos de observação da dinâmica escolar e de intervenções na sala de aula. A turma escolhida para estágio foi o IV Nível com faixa etária de 3 a 4 anos. Trata-se, portanto, de um recorte de uma experiência formativa visando refletir sobre alguns conceitos que permeavam a realidade escolar, na Educação Infantil, confrontando com as concepções pedagógicas estudadas durante a formação acadêmica. No campo do estágio destacou-se a interação com a educação infantil, o planejamento, a intervenção e a contribuição pedagógica. Desse modo o mesmo constitui parte obrigatório de um componente curricular, proporciona um momento de interação entre o curso de formação inicial e o campo socioeducacional no qual o estagiário é recebido. Nesses termos, os resultados tiveram alcance positivo, mesmo com as dificuldades existentes. Diante disso a experiência foi satisfatória e enriquecedora para o preenchimento das carências acadêmicas e da realização pessoal, além da contribuição científica, visto ser o estágio um trabalho de pesquisa e intervenções de campo.

**Palavras-chave:** Estágio Supervisionado, Educação Infantil, Prática pedagógica.

## Abstract

This article is aimed to highlighting the experiences of a Supervised Internship focused on Early Childhood Education, in the pedagogy undergraduate distance course of Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). The said Internship took place at the Alta de Souza School, in the municipality of Caicó / RN, from March to May 2015, in the morning classes, comprising moments of observation of the dynamics of the school and interventions in the classroom. The chosen classroom was the Level IV, with children aged between 3-4 years old. Therefore, it is a selection of moments from a formative experience, aimed towards pondering about some concepts that permeated the school environment, specifically in kindergarten, confronted with the pedagogical concepts studied during academic training. In the research field the interaction with the children's education, the planning, the intervention and the pedagogical contribution were evident. Therefore, it is a mandatory part of the curricular component, and provides a moment of interaction between the initial training course and the socio-educational field in which the intern is received. Keeping this in mind, the results were positive, despite the existing difficulties. The experience, therefore, was satisfying and enriching for fulfilling the academic and personal development needs, as well as scientific contribution, because internship is a research work and field intervention.

**Keywords:** Supervised Internship, Early Childhood Education, Pedagogical practice

## Introdução

Neste artigo pretende-se refletir acerca de uma experiência formativa ocorrida durante a efetivação do componente curricular Estágio Supervisionado II, do curso de licenciatura em Pedagogia a distancia, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Pólo de Caicó/RN. O campo de estágio escolhido para o momento formativo foi a Escola Municipal Auta de Souza, localizada em Barra Nova, município de Caicó /Rio Grande do Norte (RN). O referido estágio foi realizado no período de março a maio de 2015, no turno matutino, compreendendo momentos de observação da dinâmica escolar e de intervenções na sala de aula. Trata-se, portanto, de um recorte de uma experiência formativa visando refletir sobre alguns conceitos que permeavam a realidade escolar, na Educação Infantil, confrontando com as concepções pedagógicas estudadas durante a formação acadêmica.

O estágio supervisionado na formação inicial de pedagogos para a docência na Educação Infantil se constitui em um momento onde o futuro educador tem a oportunidade de observar a prática pedagógica como sendo importante para a atividade de reflexão, formação e de pesquisa do fazer pedagógico na escola e na sala de aula. É um momento, portanto de participação e regência em sala de aula que proporciona perceber como se efetiva a prática do ensino infantil e como o licenciando pode formar metodologias para atuar em seu campo de trabalho. Desse modo, visto que o estágio constitui parte de um componente curricular, proporciona um momento de interação entre o curso de formação inicial e o campo socioeducacional no qual o estagiário é recebido.

A Educação Infantil histórica e didaticamente foi construída para que criasse as próprias especificidades de acordo com o contexto da nação que ela faz parte. No Brasil, por exemplo, materializar esse processo foi possível através da elaboração do cuidar e do educar de crianças de 0 a 6 anos (creche, para as crianças de zero a três anos, e pré-escola, para as que têm entre quatro a seis anos de idade) como direito assegurado e expresso claramente na Constituição Federal de 1988 (BRASIL,1988). Diante dessa base lançada, foi criada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, no ano de 1996, passando a Educação Infantil a ser conceituada como a primeira etapa da educação básica, tendo como finalidade “o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade” (BRASIL, 1998, Art. 29, p.11).

Diante disso, foi organizado um documento chamado de Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998) como fruto de um espaçoso debate, a nível nacional, envolvendo professores e profissionais que atuavam diretamente na área. Esse material tem um significado de uma proposta, um guia reflexivo de caráter educacional com objetivos, conteúdos e orientações didáticas respeitando o estilo pedagógico e a diversidade regional brasileira. Além desses documentos fundamentais outros foram aprovados como O Estatuto da Criança e do Adolescente, instituído pela Lei 8.069 no dia 13 de julho de 1990 e o Plano Nacional de Educação, pelo Congresso Nacional em 26 de junho de 2014. (BRASIL,2014).

Nesse contexto, ao observar o fazer pedagógico em sala de aula, o aluno estagiário deve procurar conhecer a história de vida pessoal e social das crianças e o lugar que ocupam na família e na sociedade, visto que identidade e autonomia são prioridades no processo de construção infantil. Diante disso, o educador voltado para a formação do público infantil observa as características da criança com ênfase no contexto de um trabalho mais planejado promovendo o processo de ensino- aprendizagem.

Vale ressaltar que essa compreensão permite afirmar que o estágio supervisionado provocou algumas inquietações que foram sendo construídas ao longo da regência: como interagir, planejar e intervir na educação infantil, considerando os conceitos apreendidos durante a formação no curso sobre interação sócio-educacional e trabalho pedagógico? São suficientes para não contribuir com uma escola excludente? Esse momento formativo de estágio e outros determinaram, portanto, muitas inquietações que resultaram no presente recorte, para fins de reflexão.

Diante disso, considera-se a importância de avançar na discussão sobre a Educação Infantil, na escola de ensino regular, que implica na efetiva articulação entre as atividades de ensino, estudos teóricos e metodológicos existentes na literatura que trata sobre esse nível de ensino em questão. Nessa perspectiva é fundamental promover uma formação crítica do período do estágio supervisionado respaldado no desejo de pesquisa, de conhecer mais, voltando para a formação e atuação do docente para o referido nível de ensino. Gil (2002,p.17) nos alerta que a realização de uma pesquisa pode ser determinada por várias razões, incluindo-se as de ordem intelectual e prática, sendo esta última decorrente do desejo de “conhecer com vistas a fazer algo de maneira mais eficiente ou eficaz”.

## **O campo de estágio**

A escola, campo de estágio, funcionava em dois turnos: matutino e vespertino. Num total, existiam 14 salas de aulas, com uma média de 20 alunos por turma, sendo distribuídos por faixa etária. Atendia ao ensino regular, oferecendo Educação Infantil (para alunos de 3 a 5 anos) e Ensino Fundamental (do 1º ao 5º anos, para alunos a partir de 6 anos). A escola não recebia crianças para os serviços de creche.

Aproximadamente 15 profissionais trabalhavam no setor administrativo da escola, a maioria com ensino médio e alguns com nível superior. O número de professores chegava a 18, sendo todos graduados e pós-graduados no nível de especialização. Além desses profissionais 5 exerciam a função de monitores no Mais Educação, um projeto do governo federal de educação integral na escola que estabelecia parceria com outras instituições do bairro, como conselhos comunitários, postos de saúde, profissionais do esporte na comunidade, e outras. Durante a observação de algumas ações desse projeto foi possível perceber o atendimento e acompanhamento pedagógico aos alunos do EF que apresentavam dificuldades de escrita e leitura. Outro fator que despertou a atenção no projeto foi a cultura tecnológica efetivada no laboratório que atendia os alunos da escola e do projeto. Na escola existiam ações esportivas como vôlei, futebol e outras, não sendo possível coletar mais informações.

A gestão escolar apresentava característica democrática e participativa e era formada por direção, vice-direção e coordenação pedagógica, em sua maioria com especialização em Psicopedagogia institucional. Na referida escola havia um Conselho Escolar composto pela representação de profissionais administrativos, professores e pais de alunos. As reuniões do Conselho aconteciam a cada trimestre. De acordo com a gestão da escola o Projeto Político Pedagógico era revisado, anualmente, junto com a supervisão e toda a comunidade escolar. O planejamento pedagógico acontecia quinzenalmente, de forma coletiva, coordenado pela orientadora pedagógica, professores e estagiários.

A escola oferecia um bom espaço para a convivência dos alunos, professores e funcionários. Existia uma sala para os professores, sala de informática, sala da direção,

biblioteca, banheiros, pátio para o lanche, pátio para a recreação dos alunos e as salas de aulas. Frison (2008, p. 169) menciona que

Os espaços são concebidos como componentes ativos do processo educacional e neles estão refletidas as concepções de educação assumidas pelo educador e pela escola. É importante que a sala de aula seja um lugar motivador, em que se acolham as diferentes formas de ser e de agir, contempladas nos projetos de trabalho, nos quais as crianças vivenciam suas experiências e descobertas. (...) O espaço físico pode ser transformado em espaço educativo, dependendo da atividade que nele acontece.

A transformação do espaço físico da escola era agradável, ornamentado, tinha comunicações visuais e gráficas enriquecendo a natureza da Educação Infantil. Eram perceptíveis os componentes ativos do processo educacional no ambiente transformado num espaço onde o educativo se destacava. A referida escola também oferecia alimentação escolar para os alunos, atendimento educacional especializado e atividades complementares baseadas em projetos educacionais voltados para datas comemorativas como páscoa, dia das mães.

Para além da caracterização da escola, durante o período de estágio foi possível mais contato com a equipe pedagógica que apontou alguns problemas existentes na escola, tais como: a necessidade de reestruturação física, de promoção da acessibilidade e de tornar os espaços mais agradáveis. Um fato que chamou a atenção foi o relato que quando chovia algumas salas ficavam alagadas prejudicando as aulas e os materiais didáticos. Também foi vivenciado momentos preocupantes para os educadores em relação ao entorno da escola pelo fato de existirem locais de vendas de drogas. Outro aspecto crítico observado nos discursos é que no local que deveria ser uma quadra de esportes existia um galpão não oferecendo condições de práticas esportivas ou outras atividades realizadas, especificamente, para a Educação Infantil. Ainda, conhecendo um lado crítico da escola, Na interação com os professores foi possível ouvir relatos sobre as salas, que estas eram muito próximas e havia poucos livros e outros materiais didáticos. Foi possível também observar que os professores tinham a carga horária de trabalho intensa e deixavam para preparar o plano de trabalho nos últimos minutos que antecediam as aulas, na ausência de livros e de diferentes fontes bibliográficas.

Pode-se dizer que a partir dessas vivências a escola configurou-se num campo de estágio carregado de sentidos contraditórios, sob a força do lugar de ensino-aprendizagem,



especificamente nas condições de trabalhos. Conforme Rocha,(1996, apud Santos, 2008, p.116) a escola é um lugar

em que as palavras e as ações se inscrevem, desde a desordem, em novas ordens: de saber, de poder, de querer, de gostar, de procurar, de sonhar, de sofrer. Práticas divisórias que se instalam, mas também de organização e reorganização de paradoxos que, em lugar do significado próprio da escola, que seria o de irradiar um processo de ensino-aprendizagem, significados se esvaziam; e na perda de sentido, outros sentidos se recriam.

Vê-se que num momento de vivência proporcionado pelo Estágio Supervisionado vários motivos podem ser apontados e observados desde os espaços físicos até o fazer pedagógico dos professores. Um dos aspectos mais evidentes desse momento formativo diz respeito a todos os elementos que estão postos em uma sala de aula. Dessa vivência, portanto, pode-se destacar alguns aspectos do processo de interação, planejamento e intervenção no espaço na Educação Infantil, tratados a seguir.

### **Interação e Educação Infantil**

A sala escolhida para a realização do estágio supervisionado foi a turma do IV Nível A, que tinha alunos com faixa etária de 3 a 4 anos e apenas uma professora atuando em sala de aula composta de 21 alunos ( 13 meninas e 8 meninos). Durante o tempo do estágio não foi observada a existência de alunos com alguma deficiência (física, sensorial, visual) ou com outras necessidades educacionais especiais, porém, alguns demonstravam dificuldade para segurar o lápis e escrever as letras trabalhadas. Outros demonstravam mais conhecimentos adquiridos durante o processo de ensino-aprendizagem.

O espaço disponível na sala de aula possibilitava a interação das crianças considerando-se os aspectos metodológicos planejados pela professora. Era um espaço de sala de aula pequeno com cadeiras e mesas redondas para o público infantil, o piso era de cerâmica e existiam momentos de divertimento nesse espaço. Havia alguns cantinhos distribuídos por termos como “gosto, toque, sons e palavras”, mesmo ocupando um espaço pequeno. Na parede de entrada existia um quadro branco contendo um calendário com os dias da semana e numerais coloridos de 0 a 9, e embaixo o trenzinho das vogais. Nas outras paredes havia um

cantinho da leitura, um cordão com todo o alfabeto ilustrado, o cantinho da chamada, o cantinho dos parabéns para os aniversariantes do mês e o mural de recados especiais, como dia das mães, páscoa e outros. Além desses espaços, foi possível observar o cantinho das atividades realizadas em sala, dois armários próximos a quatro janelas onde ficavam guardados os materiais de uso das crianças, e materiais pedagógicos da professora. Vale ressaltar, que no armário das crianças não havia segurança, visto que as portas estavam danificadas causando riscos de acidentes. Para Barbosa e Horn (2001, p. 73) a sala de aula deve ser um ambiente composto

[...] por gosto, toque, sons e palavras, regras de uso do espaço, luzes e cores, odores, mobílias, equipamentos e ritmos de vida. Também é importante educar as crianças no sentido de observar, categorizar, escolher e propor, possibilitando-lhes interações com diversos elementos.

Os momentos do fazer pedagógico da professora da sala de aula compreendiam receber as crianças e conduzi-las até a sala de aula. No espaço de sala de aula ela iniciava as atividades com as crianças utilizando-se de oração que pedia a proteção do anjo da guarda, depois cantava com eles uma música sobre bom dia. Em seguida, ela destacava no quadro o dia, mês e ano. Depois cantavam outra música sobre os dias da semana e no final realizava contação de histórias. Observa-se diante dessas vivências a interação social como um aspecto que estava presente em situações apresentadas em suas estratégias de ensino e deveriam ser proporcionadoras de aprendizagens. Nessa perspectiva os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil trazem, em sua essência, as mais diversas aprendizagens propiciadas por “situações de conversa, brincadeiras ou de aprendizagens orientadas que garantam a troca entre as crianças, de forma a que possam comunicar-se e expressar-se” (BRASIL, 1998, v. 1, p. 31).

Diante do fazer pedagógico observado e de pensar na riqueza e diversidades de experiências que a Educação Infantil pode oferecer pode-se muito bem manter um diálogo com Kishimoto (2010,p.01) quando afirma que interações e brincadeiras são indissociáveis na infância e dão ao público infantil o “poder de tomar decisões, expressar, sentimentos e valores, conhecer a si, aos outros e o mundo, de repetir ações prazerosas, de partilhar, expressar sua individualidade e identidade por meio de linguagens” . Pode-se, também, pensar, ao confrontar

os aspectos observados com as concepções pedagógicas estudadas durante a formação acadêmica, que o mundo infantil poderia ser muito mais explorado. O mundo dos objetos, das pessoas, das linguagens, enfim, de outros mundos da cultura escolar e da criança nos quais estão inseridos. Até que ponto estariam imersos nessas e em outras culturas?

### **Planejamento para o que for preciso**

Passados os momentos de estágio para um licenciando em Pedagogia, mesmo com algumas experiências em sala de aula como educador, o desafio de mergulhar no conhecimento do exercício da docência ainda continua. Diante disso, discorrer sobre o eu, sendo professor, lembra que esse interesse surgiu antes de começar o curso de Pedagogia e o interesse na formação só aumentou. Nesse sentido, mesmo consciente das dificuldades encontradas no percurso profissional (turmas enormes, ausência de incentivo salarial e de aulas experimentais, etc.) a responsabilidade social do exercício de ser professor definiu essa situação da necessidade de formação continuada.

A complexidade de dar aulas, desde a sua preparação (escolha do livro didático, de conteúdos, das estratégias a serem utilizadas, dos objetivos, dos recursos didáticos e da metodologia a ser aplicada, além de estarem num bom planejamento de ensino) até o momento de avaliar a aprendizagem dos alunos e de realizar auto avaliação faz pensar como é desafiador o momento de estágio e cheio de possibilidades, diante dessa sociedade que vive em constantes modificações tecnológicas e conceituais, no século XXI.

Nesses termos, observa-se que, diante de um planejamento, explicar o conteúdo, fazer exercícios, avaliar o ensino e a aprendizagem ainda podem parecer momentos mais corriqueiros da escola, no entanto, os avanços científicos e tecnológicos mudaram os hábitos dos alunos, da escola, dos pais e da sociedade. Diante disso, a escola que temos muitas vezes não é a que queremos, pois, os valores não são os mesmos. Percebe-se que muitos projetos e ações chegam às escolas desafiando a formação inicial e o papel de ser professor. Vê-se, que as vivências proporcionadas pelo estágio em relação à aprendizagem do público-alvo da Educação Infantil mostrou a real necessidade de investigar o que fundamentaria as situações apresentadas no processo de ensino e aprendizagem.

Nesse raciocínio estabelecido foi possível pensar e perceber que a pesquisa tem o poder de indagar e reconstruir a realidade cujas questões da investigação estão “relacionadas a

interesses e circunstâncias socialmente condicionadas. São frutos de determinada inserção na vida real, nela encontrando suas razões e seus objetivos” MINAYO (2009, p.16). Por isso diante desse pensamento foi possível fazer algumas indagações e reflexões ocorridas durante o processo de estágio, além de alguns contrapontos. As aulas desenvolvidas pelo estagiário e a professora colaboradora estariam realmente sendo atrativas para os alunos ou fardo em suas vidas? Motivaram os alunos diante das possibilidades existentes no campo de estágio? Como entender algumas situações de falta de atenção das crianças? A metodologia utilizada permitiu enriquecer a intervenção? Foi um desafio muito grande? Estas e outras indagações motivaram este recorte da experiência formativa.

O desenvolvimento das ideias até aqui expostas permite afirmar que o estágio supervisionado provocou inquietações que foram sendo construídas ao longo da regência: como interagir e planejar na Educação Infantil, considerando-se os conceitos apreendidos durante a formação no curso sobre interação socioeducacional e trabalho pedagógico? Como não contribuir com uma prática docente excludente? Conhecendo a realidade do espaço escolar com muitos problemas o momento formativo e outros vivenciados ao longo da formação acadêmica determinaram muitas inquietações que fundamentam o presente recorte.

Diante disso, é pertinente avançar na discussão sobre a prática educativa na Educação Infantil nas escolas de ensino regular que implica na efetiva articulação entre as atividades de ensino, estudos teóricos e metodológicos existentes na literatura que trata sobre esse nível de ensino em questão. É preciso, então, planejar para o que for preciso. Planejamento implica, pois, em permitir construção de aprendizagens significativas e não apenas repetição de músicas e orações, visto que as crianças dessa faixa etária clamam por atividades que provoquem nelas a curiosidade estabelecendo relações entre “novos conteúdos e os conhecimentos prévios, capacitando-as a realizar novas aprendizagens ampliando-se o seu universo infantil. Nessa perspectiva é fundamental promover uma formação crítica do período do estágio supervisionado, voltando-se para a atuação do aluno estagiário em sua formação docente para o referido contexto de ensino.

Foi criando os vínculos sociais e afetivos que, partir da quinta aula observada, teve início o planejamento das intervenções pedagógicas. A realização foi possível a partir da sistemática de observação e da interação social. Isso torna importante porque

A interação social em situações diversas é uma das estratégias mais importantes do professor para a promoção de aprendizagens pelas crianças. Assim cabe ao professor propiciar situações de conversa, brincadeiras ou aprendizagens orientadas que garantam a troca entre as crianças de forma que possam comunicar-se, demonstrando seus modos de agir, de pensar e de se sentir em um ambiente acolhedor e que propicie a confiança e auto-estima. (BRASIL, 1998. p.31, v.1).

Ao interagir com ficou percebido que a organização na chegada dos pais e seus filhos em um ambiente acolhedor são suficientemente adequados para pensar e sentir como as crianças são construtores da própria historia. Dessa maneira, as situações de brincadeiras e de aprendizagens são favoráveis à essa construção, além dos muros físicos da educação infantil. É necessário, portanto, afirmar que o ambiente de convivência e de ensino- aprendizagem são fatores que contribuem para o crescimento afetivo e cognitivo das crianças. Em relação a isso Barbosa e Horn (2001, p.76) relembram a importância desses espaços na Educação Infantil ao mencionar que a “organização adequada do espaço e dos materiais disponíveis na sala de aula será fator decisivo na construção da autonomia intelectual e social das crianças”. No caso do estágio foi possível perceber a sala como um lugar que agradava as crianças e favorecia a sua autonomia, mesmo refletindo criticamente que o fazer pedagógico do professor e a estrutura física da escola deixavam a desejar.

Ressalta-se, porém, que ao chegarmos à sala de aula foi percebido que todas as crianças estavam entretidas, sentadas, construindo objetos com a massinha de modelar. Elas receberam também uma folha com o intuito de manter as mesas limpas e ordem no local. O desperdício era combatido pela educadora que os orientava sempre acerca do assunto. Nesses momentos também eram estabelecidos limites de uso e convivência grupal, a exemplo não deixar nada cair no chão. E tinha novamente a contação de história, a oração ao anjinho da guarda das crianças, a música do bom dia professora e bom dia coleguinhas. Todos sentados mantinham o vínculo com a educadora vivendo a sua infância. Assim, lembra Silva Filho (2004, p. 111) sobre a infância:

ao mesmo tempo em que é considerada como *locus* das paixões, dos desejos, do descontrole das emoções, do momento, que a o uso da palavra e da razão, a infância é vista também como o lugar potencial daquilo que seremos no futuro, a forma a partir da qual nos tornaremos seres dotados de razão

Ao ter isso em mente a professora usa como metodologia nas aulas “artifícios de teatro” para manter a turma atenta e prestando atenção até mesmo no desenvolvimento e incentivo do uso da palavra por parte deles. O carisma e a descontração são ferramentas corporais como reforço durante as aulas, todos vibram, gritam e falam.

Retomando a rotina de trabalhar o dia, o mês e o ano na construção do sentido de tempo algumas perguntas eram feitas: nesses dias tem aula? Prosseguindo outras músicas, destacando os dias da semana e concluindo com “cantemos felizes a canção do dia, hoje é...”. Durante a merenda das crianças foi visto que a professora observava o comportamento das crianças lembrando os princípios do cuidar e educar na Educação Infantil. Após a merenda o livro da contação: Teco. Os desenhos do livro eram socializados lembrando o nascimento da ave, as cores das penas e a musicalização da voz da ave fazendo toc-toc-toc. E a impressão era que outro mundo estava se formado na sala de aula quando a ludicidade acontecia no fazer pedagógico.

Desse modo, os acontecimentos durante a aula com as crianças começavam a sinalizarem a pluralidade de sentidos e significados. Para Lisboa (1998, p. 15):

A escola dos pequeninos tem de ser um ambiente livre, onde o princípio pedagógico deve ser o respeito à liberdade e à criatividade das crianças. Nela, os pequeninos devem poder se locomover, ter atividades criativas que permitam sua auto suficiência, e a desobediência e a agressividade não devem ser coibidas e, sim, orientadas, por serem condições necessárias ao sucesso das pessoas.

Sabe-se que as crianças não ficam paradas e, a todo instante estão atentas aos acontecimentos que estão ao seu redor. Eram disponibilizadas peças de brinquedos compartilhando-as com os outros para momentos de criatividade e interação de modo a criar situações construtoras e desbravadores de castelos e moinhos nesses momentos socioeducativos. Ao estudarem sobre as vogais compartilhavam incentivos que vinham da própria família durante a construção das tarefas. Todas também eram bem observadoras, cochichavam sobre a presença de alguém estranho, algumas lideravam a comunicação com o grupo e se organizavam em grupos por afinidades.

A vivência dessas e de outras situações na dinâmica escolar faziam parte do ser e do conviver representando ação humana, um sentimento constante de tecer reflexões para quem

observa, investiga e colabora. Esse olhar lançado nas crianças com suas especificidades e limitações proporciona o entendimento maior de qual deve ser o papel da educação escolar para a infância na formação humana da criança e o crescimento cidadão.

Era preciso, portanto, avançar no planejamento. A supervisora escolar fez o convite e foi possível participar com os professores da escola. A reunião foi iniciada com uma mensagem de motivação falando sobre a importância de viver a vida, o descontrole do espaço e tempo, bem como a procrastinação como seres humanos em diversas áreas. Ainda lembrou aos presentes que tudo na vida depende do ponto de vista adotado e que oportunidades poderão no decorrer da vida ser perdidas muitas vezes. Em seguida foi entregue as fichas de planejamento e o conteúdo a ser trabalhado foi focado no tema páscoa e de todos os preparativos para o desenvolvimento de um projeto. É importante sinalizar que nos dois primeiros dias de estágio o convívio com as crianças, professores e equipe pedagógica proporcionou um enriquecimento e compreensão da responsabilidade social de ser mediador de aprendizagens. Pelo exposto, vê-se, pois, que a interação social em situações diferenciadas:

é uma das estratégias mais importantes do professor para a promoção de aprendizagens pelas crianças. Assim cabe ao professor propiciar situações de conversa, brincadeiras ou aprendizagens orientadas que garantam a troca entre as crianças de forma que possam comunicar-se, demonstrando seus modos de agir, de pensar e de se sentir em um ambiente acolhedor e que propicie a confiança e auto-estima. (BRASIL, 1998. p.31, v.1)

### **Momentos de intervenção e contribuição no trabalho pedagógico**

Sentir-se intruso em algum local que não foi convidado talvez seja a sensação pela qual passa o estagiário. Chegando a vivência da intervenção necessitava de um bom planejamento que partisse das necessidades observadas. Isto porque, de acordo com Menegolla; Sant'anna (1995, p. 19):

o ato de planejar sempre parte das necessidades e urgências que surgem a partir de uma sondagem da realidade e é a primeira etapa do processo de planejamento. É através do conhecimento da realidade

que se pode estabelecer, com mais precisão, quais as mais importantes urgências e necessidades que devam ser enfocadas, analisadas e estudadas durante o ato de planejar.

Diante dessa concepção da ação de planejar é possível adotar metodologias que considerem situações de cuidados (sem assistencialismo), brincadeiras e aprendizagens. Isso está previsto no Referencial Curricular para a Educação Infantil, vol.I, quando discorre que:

Educar significa, portanto, propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança, e o acesso, pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural. Neste processo, a educação poderá auxiliar o desenvolvimento das capacidades de apropriação e conhecimento das potencialidades corporais, afetivas, emocionais, estéticas e éticas, na perspectiva de contribuir para a formação de crianças felizes e saudáveis. (BRASIL, 1998, p. 23).

Ao pensar na intervenção focada na formação social das crianças, em seus aspectos de desenvolvimento, capacidade de pensar, discernir, apropriação e potencialidades, foi necessário inserir temas que contemplassem “campos de aprendizagem das crianças” (BARBOSA, 2009, p. 80). Isso é um fato de suma importância durante as escolhas dos temas porque

Os debates sobre temas relacionados às práticas sociais fazem parte do currículo das crianças pequenas, pois são conteúdos culturais centrais [...]. Dar visibilidade a esses saberes e práticas é a primeira tarefa que necessitamos realizar para desencadear propostas curriculares de educação das crianças pequenas que garantam sua aprendizagem e bem-estar (op. cit., p. 82).

Mesmo com a concepção de novos desafios de aprendizagens os conteúdos a ser desenvolvidos limitaram-se a: estudo das vogais, incluindo encontros vocálicos AI, EI, EU, OI, UI; linguagem oral e escrita- com verbalização de ideias, por meio de contação de histórias do ratinho, do morango vermelho e do urso esfomeado. Além disso, foram incluídas práticas de escovação e hábitos alimentares, tomando como ponto de partida a história do livro



do Dentinho, com distribuição de escovas para os alunos da sala. Hábitos sociais, de leitura oral e proteção familiar também foram destaques durante a intervenção. Brincadeiras infantis e o conhecimento da letra B e sua família silábica nas palavras também foram considerados.

Ao utilizar a estratégia contação de história é possível estimular a imaginação, educar, instruir e desenvolver diversas habilidades de cognição durante o processo que envolve ouvir, ler e escrever através das atividades propostas. A esse respeito Souza; Bernardino, 2011, p. 237, afirmam que

A contação de histórias é uma estratégia pedagógica que pode favorecer de maneira significativa a prática docente na educação infantil e ensino fundamental. A escuta de histórias estimula a imaginação, educa, instrui, desenvolve habilidades cognitivas, dinamiza o processo de leitura e escrita, além de ser uma atividade interativa que potencializa a linguagem infantil. A ludicidade com jogos, danças, brincadeiras e contação de histórias no processo de ensino e aprendizagem desenvolvem a responsabilidade e a auto expressão, assim a criança sente-se estimulada e, sem perceber desenvolve e constrói seu conhecimento sobre o mundo. Em meio ao prazer, à maravilha e ao divertimento que as narrativas criam, vários tipos de aprendizagem acontecem. (SOUZA; BERNARDINO, 2011, p. 237)

Diante dessa compreensão, no desenvolvimento da aula era discutido com as crianças sobre o título da história, os personagens (quem eram e o que faziam) permitindo que as crianças se expressassem livremente. A exploração visual do livro e a sugestão de outro fim para a história foi um dos pontos fundamentais no processo. Após os momentos de motivação e exploração oral da história era feita uma atividade com o desenho dos personagens e os nomes de cada um faltando as vogais para as crianças completarem. Na avaliação da aula ficou percebido que todos prestaram atenção mantinham-se interessados.

O encontro de vogais não poderia deixar de ser explorado. Para tanto, foram utilizadas cartelas, no cantinho da leitura, contendo expressões do dia a dia, tais como UI! OI! E EI! Diante disso, a aprendizagem era propiciada pela animação, entretenimento e vivências. Para Machado (2011, p. 29), o brincar

quer seja como recreação psicomotora orientada ou livremente, aponta sempre para resultados positivos para a criança. Oferece inúmeras oportunidades educativas: desenvolvimento corporal, desenvolvimento mental harmonioso, estímulo à criatividade, à socialização, à cooperação.

Esses e outros pressupostos orientaram as vivências de estágio e por fim não poderia deixar de mencionar a importância da mediação no desenvolvimento da linguagem das crianças, pois, esta “abre a possibilidade de substituir a ação motora direta sobre as coisas, abreviando a aprendizagem, que já não depende da manipulação imediata e concreta” (AMARAL, 2004, p. 84). É por meio das diferentes linguagens que a criança interage com o meio ambiente e com seus pares e quanto mais são enriquecidas mais tornam o pensamento ágil e pleno.

### **Considerações finais**

Realizar o Estágio Supervisionado na Educação Infantil foi uma experiência prazerosa para o processo de formação docente. As vivências foram apropriadas para desenvolver o pensamento crítico em relação à regência de sala de aula, às reuniões de equipe, ao planejamento, sobretudo, às intervenções necessárias na Educação Infantil. Nesse sentido, as observações e as intervenções com as crianças deram maior visibilidade no sentido de que muitas vezes o educador desse nível de ensino prende-se a rotinas idealizadas para crianças idealizadas e o pior para uma escola que desconsidera as experiências das crianças e a construção de novas experiências, projetando nelas o que está pronto e deixando-as externar o que não são: passivas.

Nesses termos, os resultados tiveram alcance positivo, mesmo com as dificuldades existentes. Diante disso a experiência foi satisfatória e enriquecedora para o preenchimento das carências acadêmicas e da realização pessoal, além da contribuição científica, visto ser o estágio um trabalho de pesquisa e intervenções de campo. A atuação como mediador da aprendizagem na educação infantil proporcionou atingir mais clareza do que significa o fazer pedagógico, essa tarefa do profissional da educação. O espaço estimulador e construtor de aprendizados, que respeite os direitos das crianças é, sem dúvidas, possível nos seus mais diversos contextos.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, S. A constituição da pessoa: dimensão cognitiva. In: MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda Ramalho (Orgs.). **A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon**. São Paulo: Loyola, 2004.

BARBOSA, Maria Carmem S, et al. (Consultoria). **Práticas cotidianas na educação infantil –bases para reflexão sobre as orientações curriculares**. Projeto de Cooperação Técnica MEC e UFRGS para construção de orientações curriculares para a educação infantil. Brasília: MEC/SEB/UFRG, 2009.

BARBOSA, M.C.; HORN, M.G.S. Organização do espaço e do tempo na Educação Infantil. In: CRAIDY, C.; KAERCHER, G. E. (Org.) **Educação Infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001, p.67-79.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília. Brasília, 1998.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96**. Brasília, DF, 1996.

\_\_\_\_\_. Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 16 jul 1990. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm)>. Acesso em: 30 mai. 2016.

\_\_\_\_\_. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF: Senado Federal: Subsecretaria de Edições Técnicas, 2007. 462 p.

\_\_\_\_\_. Lei nº. 13.005, de 25 de junho de 2014. **Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências**. Diário Oficial Da República Federativa do Brasil, Edição Extra, nº 120-A, Seção 1, p. 1-8 Poder Executivo, Brasília: Imprensa Nacional 26 jun. 2014.

FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo. O espaço e o tempo na Educação Infantil. **Ciências & Letras**. Porto Alegre, n. 43, p. 169-180, jan./jun. 2008.

KYSHOMOTO, Tizuko Morchida. Brinquedo e Brincadeiras na Educação Infantil. **Anais**. I Seminário Nacional: Currículo em Movimento. Belo Horizonte: Perspectivas Atuais, Nov. 2010.

LISBOA, Antônio Márcio Junqueira. **O seu filho no dia-a-dia**: dicas de um pediatra experiente. Vol. 3. Brasília: Linha Gráfica, 1998.

MACHADO, José Ricardo Martins. **100 jogos psicomotores**: uma prática relacional na escola. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011, p.164.

MENEGOLLA, Maximiliano. & SANT'ANNA, Ilza Martins. **Por que Planejar? Como Planejar?** Currículo – Área – Aula, 3ª Edição. Petrópolis: Vozes, 1995.

SANTOS, Nair Iracema Silveira. Historiar sobre a vida na escola faz sentido: análise discursiva de textos escritos por alunos de uma escola pública. In: SILVEIRA, Andrea F., et al., (Orgs.) **Cidadania e participação social** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. pp.115-133.

SILVA FILHO, João Josué da. A educação infantil e informática: entre as contradições do moderno e do contemporâneo. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; CERISARA; Ana Beatriz (Orgs.). **Crianças e miúdos**: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação. Porto: Edições ASA, 2004. p. 105-134.

SOUZA, Linete Oliveira; BERNARDINO, Andreza Dalla. A contação de histórias como estratégia pedagógica na educação infantil e ensino fundamental. *Educere et Educare*. **Revista de Educação**. Vol. 6 nº 12 jul./dez. 2011 p.235-249.